

EM HOMENAGEM A PAULO SETÚBAL

O Dia – 11 de maio de 1937.

O que devo a Paulo Setúbal, no período que já passou de minha iniciação cultural, só eu o sei e posso avaliar.

Tomei tato com o Brasil, cheguei cedo ao conhecimento dos personagens espectrais de nossa história, na leitura de livros que hoje são clássicos em nossa literatura.

Ainda há dias, em meu rodapé de crítica, nesta mesma folha, eu tive a feliz oportunidade de, em meu comentário de uma novela do sr. Coriolano de Medeiros, situar a obra de Paulo Setúbal.

“Marquesa de Santos”, que a crítica, em começo, acoimou de cópia do notável livro de mesmo título do sr. Alberto Rangel, é a obra máxima, pela perfeição da técnica novelesca, em matéria de história, das letras portuguesas.

Parece que Paulo Setúbal nasceu romancista. E que a falta de material romanceável de que sofre a nossa literatura levou-o para o campo árido da história, com as suas pesquisas alucinantes, estudo comedido, forçamento de observação crítico-analítico. Porque, vamos dizer, pela própria índole e formação do povo brasileiro, o nosso romance é poesia e a nossa poesia romance em poemas de heroísmo e de amor.

Não sei quem igualar ao talento de Paulo Setúbal. Fixador extraordinário de individualidades, caracterizador de tipos, eu o considero um irmão daquele

finíssimo Antero de Figueiredo, que, em terras portuguesas, vem escrevendo em tom amoroso as mais belas páginas da literatura histórica.

Se outro mérito não possuísse este nosso escritor, pelo menos não se lhe negue a honestidade intelectual.

“Marquesa de Santos” e “Príncipe de Nassau” são obras acabadas. Se por acaso, nesta página de melancólica saudade, fôssemos fazer literatura comparada, não vemos no inefável Maurois nada de superior ao nosso Setúbal. Os meios de que se serviu o homem brasileiro é que foram bem mais parcos, em tudo mais imprecisos. Apesar disso, muitas das obras de Maurois, sem levar em conta o aparelho circulatório intelectual de que pode lançar mão um escritor francês, encontrou leitores tão ávidos e divulgadores tão interessados como a “Marquesa de Santos”.

Acredito nessa extraordinária escola de arte formada por Paulo Setúbal. Vimos o que se fez de notável, após o aparecimento memorável desses livros definidores. Investigou-se, o que é mais nobre, o sentido humano da história do Brasil. E foi Paulo Setúbal esse humanizador.

Um simples telegrama, divulgado em laconismo, pelos nossos jornais, trouxe-nos de São Paulo a notícia da morte desse audacioso abridor de estradas.

Nós que o vimos nascer, para a glória da inteligência brasileira, não podíamos deixar de reservar um canto do nosso coração àquele que vem ensinando o conhecimento do Brasil às juventudes inquietas que se sucedem.

Perdoe o leitor a simplicidade desse “in memoriam”. Tirada do fundo do coração sem forma preconcebida, esta página é o agradecimento que deixamos em público a um dos mais belos peregrinos da inteligência.